

22 OUT 1994

RUBENS FIGUEIREDO

JORNAL DA TARDE

Fernando Henrique Cardoso assumirá a Presidência da República em condições excepcionais. Como poucas vezes em nossa história, existe uma influência extremamente favorável entre o que aconteceu na campanha e os aspectos sócio-culturais, políticos e econômicos. Embora todo novo governo ganhe, de saída e quase por definição, uma espécie de "carta branca" da sociedade, os fatos indicam que, agora, existem motivos concretos para se ter esperança.

Em 89, tivemos uma eleição rancorosa. A briga era para se mostrar quem era mais contra o governo. A campanha foi repleta de baixarias e ataques, e a polarização do segundo turno impedia qualquer aproximação entre vencedores e vencidos. O discurso do candidato vitorioso apontava para medidas voluntaristas e heróicas, que resolveriam os nossos problemas de uma hora para outra. Isso gerou uma expectativa enorme, só comparável à frustração que veio depois.

Há cinco anos, a opinião pública apresentava um momento de grande ceticismo. Os brasileiros estavam pessimistas, colocando tudo o que estivesse associado ao *status quo* na vala comum do descrédito. Nada prestava. O presidente Sarney, que ostentava, durante o auge do Plano Cruzado, uma aprovação que batia nos 80%, amargava em outubro de 89 pálidos 8% de avaliações positivas. Todos não viam a hora para que tudo terminasse.

Em 94, tudo está sendo diferente. Tivemos uma campanha de alto nível. O próprio eleitorado estabeleceu limites éticos rigorosos: aqueles que preferiram ataques e denúncias à apresentação de propostas, colheram antipatia, e não votos. A opinião pública agora está otimista e as pesquisas mostram que todos estão dispostos a contribuir para que a economia se estabilize. Se, durante boa parte do governo Sarney, o tom do discurso era do ufanismo de curto prazo — gênios apontando para a felicidade imediata,

va. Esse estilo de governar tem reflexos nas pesquisas: de novembro de 1993 para cá, a aprovação da atual administração federal subiu 20%.

Se Collor se elegeu contra o Congresso e falando mal de políticos e partidos — que "engoliram" as primeiras medidas do governo, mas depois deram o troco —, Fernando Henrique tem perfeita noção de que, sem coalizões, é impossível fazer muito. E se Collor, como *outsider*, não tinha quadros para governar e era cercado por PC e coisas do gênero, Fernando Henrique

reservas cambiais são as mais altas da nossa história, atingindo US\$ 42 bilhões.

Além disso, especialistas respeitados dão conta de que o Brasil está prestes a ingressar numa nova era de crescimento econômico. A dívida externa diminuiu 50% em termos líquidos em dez anos, o preço do petróleo despencou e os juros internacionais estão baixos. Internamente, as empresas estão pouco endividadadas, com margens de lucro recuperadas e crescendo (as 500 maiores) a partir de 1992.

Há muito por fazer, é verdade. O futuro governo deverá implementar reformas urgentes e profundas, recuperando a capacidade de ação do Estado e incentivando o funcionamento do mercado. Precisa, também, dar um mínimo de dignidade a parcelas enormes da população, tirando o País da vergonhosa rabeira das listas internacionais de indicadores sociais. Não é fácil, mas é mais do que nunca, possível. O governo FHC não terminará como terminaram as gestões de Figueiredo, Sarney e Collor. Pois não teremos a repetição do "efeito James Bond", quando a sociedade procura desesperada um botão capaz de fazer ejetar do Planalto o presidente da República e todos aqueles que o cercam.

INTENCIONALMENTE OU NÃO,
O GOVERNO CONSEGUIU
ESTABELECEER UM "TIMING"
PERFEITO NA IMPLEMENTAÇÃO DO REAL

sem percalços e sem sustos —, no Real insiste-se para a necessidade de reformas estruturais e da contribuição da sociedade para a construção da nova ordem, sem o que tudo será efêmero. Isso congela as expectativas e aumenta as possibilidades de sucesso do plano.

Na verdade, o governo, intencionalmente ou não, conseguiu estabelecer um *timing* perfeito na implementação do Real. Enquanto Sarney "queimou" seu estoque de credibilidade na sucessão de choques econômicos cada vez menos eficazes, Itamar Franco passou uma idéia inicial de hesitação e inatividade, para depois jogar sua cartada decisiva.

coexiste com a elite intelectual e técnica, sendo apoiado pelos políticos mais competentes do País, se por política se entende a capacidade de conseguir e manter o poder.

FHC gosta de falar, citando as categorias de Maquiavel, que a *virtù* traz a fortuna. Isso significa dizer que é preciso ajudar a sorte. Por ter sido competente, ele assumirá o governo com indicadores econômicos bem melhores do que os encontrados por seu antecessor. Há cinco anos, o ágio no *black* era de mais de 100%, as reservas cambiais não atingiam US\$ 10 bilhões e a inflação beirava os 50%. Hoje, o ágio praticamente não existe, a inflação não chega a 1% e as

O AUTOR

Rubens Figueiredo
é sociólogo
e especialista
em marketing
político

